

AMBIVALÊNCIA NA CONJUGALIDADE EM CONTEXTO DE PANDEMIA DO COVID 19: ENFOQUE PSICANALÍTICO

Jairo Carioca de Oliveira ¹

Luiz Cláudio Teixeira dos Santos ²

Ronald Lopes de Oliveira ³

RESUMO

Não há relacionamentos humanos sem conflitos. Para a psicanálise, essa premissa é primordial nos estudos do vínculo amoroso que o sujeito faz com o outro. Este trabalho tem o objetivo de realizar certa aproximação bibliográfica com os temas da ambivalência e conjugalidade. Articulando esses dois temas e seguindo as direções freudianas e pós-freudianas no que compete à literatura psicanalítica, onde serão discutidos o jogo complexo das identificações projetivas e os modos de subjetivações na conjugalidade. Conclui-se que a relação na conjugalidade já é precedida no sujeito por inerentes ambivalências e conflitos com suas próprias pulsões insatisfeitas em relação a suas escolhas objetais. Observou-se no Brasil o agravamento desses fatores sendo intensificado no isolamento social por conta da pandemia da COVID-19.

Palavras-chaves: Psicanálise. Conjugalidade. Ambivalência. COVID-19.

ABSTRACT

There are no human relationships without conflict. For psychoanalysis, this premise is essential in the studies of the love bond that the subject makes with the other. This work has the objective of carrying out a certain bibliographic approximation with the themes of ambivalence and conjugality. Articulating these two themes and following Freudian and post-Freudian directions regarding

¹ Jairo Carioca de Oliveira – Dr. h. c. em Psicologia pelo Logos University International do State of Florida (EUA). Pesquisador no Laboratório de Educação, Gênero e Sexualidades na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (LEGESEX/UFRRJ). jairocarioca@ufrj.br

² Luiz Cláudio Teixeira dos Santos – Pós-graduando em Psicologia do Aconselhamento Pastoral – Instituto de Teologia e Educação Aplicada – ITEA. anilctsantos@hotmail.com

³ Ronald Lopes de Oliveira – Doutorando em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). ronald.lopes80@gmail.com

psychoanalytic literature, where the complex game of projective identifications and the modes of subjectivation in conjugality will be discussed. It is concluded that the relationship in conjugality is already preceded in the subject by inherent ambivalences and conflicts with their own unsatisfied impulses in relation to their object choices. In Brazil, the worsening of these factors was observed, being intensified in social isolation due to the COVID-19 pandemic.

Keywords: Psychoanalysis. Conjugality. Ambivalence. COVID-19.

1. INTRODUÇÃO

Freud, ao longo de sua obra, falou de amor. Em "O mal-estar na civilização", ele reconheceu o amor como caminho possível para a felicidade e um dos elementos fundantes da civilização. As necessidades eróticas humanas são apresentadas levando os sujeitos a buscarem laços afetivos. No entanto, os relacionamentos amorosos são uma das principais fontes de sofrimento, aqueles que mais são capazes de gerar dor e lançar o homem ao desalento, realçando assim a ambivalência presente no laço amoroso. (FREUD, 1930/1980)

Essa ambivalência tem implicações. Por um lado, de ordem psicoemocional, a singularidade do sujeito elege seu parceiro amoroso pelos significantes da fantasia; e por outro lado, ele se presta a objeto, causa de desejo num corpo de gozo para o sujeito/ser falante. Por isso, a justificativa desse artigo está ancorada em duas vertentes. A primeira, de fundamento epistemológico psicanalítico sobre ambivalência; e, a segunda, a necessidade de discutir a medida dessa ambivalência em contexto da pandemia do Covid19 e seu desdobramento na conjugabilidade.

Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, os conflitos conjugais aumentaram 451% após o início das medidas de isolamento social contra a COVID-19 no Brasil⁴. No entanto, é lugar comum entender que a pandemia não gerou nada novo, apenas tornou-se um fator potencializador de conflitos já existentes, mas silenciados na convivência dos parceiros afetivos e amplificando as ambivalências já presentes na conjugabilidade.

A ambivalência do ser humano se caracteriza num sujeito em perene conflito consigo mesmo e com o outro. A raiz desse conflito pode ser encontrada na

⁴ Disponível em: <https://saude.abril.com.br/bem-estar/nao-deixe-a-crise-abalar-o-relacionamento/>
Acessado em 02/12/2021.

insatisfação com o seu ser subjetivo ou o vir-a-ser. Nessa arena de conflitos, o sujeito pode posicionar-se em duas possíveis direções horizontais: fuga ou enfrentamento. Fuga do objeto de conflito que causa sofrimento ou enfrentamento em direção ao objeto de satisfação que causa prazer.

Na conjugalidade, há vivência da dominação por onde o conflito se infiltra ou se instala. Por outro lado, no mesmo compasso do conflito, predomina o desejo que se sedimenta e se retroalimenta nas gratificações, satisfações e compensações no outro. No conflito, há o incômodo; no desejo realizado, há gratificação.

2. (DES)USOS DO TERMO AMBIVALÊNCIA NA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA.

O conceito de ambivalência foi cunhado pelo médico psiquiatra Eugen Bleuler para se referir ao comportamento dos pacientes que ele denominaria de esquizofrênicos. Para ele, a ambivalência estaria circunscrita em três manifestações: a voluntária, na qual se manifesta a incapacidade de decisão; a intelectual, que se crê em proposições que se contradizem; e a afetiva/emocional, por oscilarem entre o amor e ódio ao mesmo objeto. Nesse caso, a ambivalência afetiva/emocional opera em dois lugares assíncronos, querer o bem e querer o mal do mesmo objeto de desejo. (ABRAHAM, 1911).

A primeira vez que Freud empregou a palavra “ambivalência” foi no livro a Interpretação dos sonhos de 1900 no tema “sonhos absurdos – atividade intelectual no sonho”. Apropriado de Bleuler⁵, Freud começou fornecendo dois exemplos cujo conteúdo era considerado como “absurdo” por aqueles que se dedicavam a estudar e compreender a atividade mental até então. Demonstrou que o absurdo do sonho seria desfeito quando se aprofunda a compreensão do seu sentido. Para demonstrar a ambivalência, no primeiro exemplo, descreveu o

⁵ Tendo avançado nas investigações, Freud e Bleuler concluíram que existe uma peculiaridade dos neuróticos que é compartilhada com os esquizofrênicos: é a ambivalência. E. Bleuler, "Dementia praecox oder Gruppe der Schizophrenien", Aschaffenburgs Handbuch der Psychiatrie, 1911 verificado na palestra sobre a ambivalência em Berna de 1910 referida em Zentralblatt für Psychoanalyse, v. 1, p. 266. Para os mesmos fenômenos Stekel havia sugerido a designação de "bipolaridade". Ver: FREUD, S. Observações Psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (O Caso Schreber) Artigos sobre Técnica e outros textos (1911-1913). Obras Completas volume 10. Tradução Paulo César de Souza. 1ª. edição. São Paulo: Companhia das letras, 2019. p. 110.

sonho de um paciente que havia perdido o pai seis anos antes. No segundo exemplo seus próprios sonhos são analisados, já que ele teria perdido o pai em 1896. Depois da morte de seu pai, Freud sonhou que o pai dele teve influência política entre os magiares. A imagem do sonho não estava clara, mas uma multidão como no Parlamento; uma pessoa de pé em uma ou duas cadeiras, outros ao seu redor. “Lembro-me de que no leito de morte ele se parecia muito com Garibaldi” (FREUD, 1900/2019, p. 341)

Freud concluiu a partir desses dois exemplos que os sonhos não distinguem entre o desejo e a realidade. Na verdade, os sonhos de entes queridos mortos são carregados de ambivalência sentimental que domina a relação do sonhador com o morto. É comum que nesses sonhos o morto seja tratado como se estivesse vivo, ao mesmo tempo que, na realidade, se ache morto. É um efeito desconcertante. Portanto, a ambivalência representaria indiferença desejada para renegar as atitudes sentimentais muito intensas, frequentemente contraditórias do sonhador, e assim se tornar a representação onírica de sua ambivalência. (FREUD, 1900/2019, p. 341)

É justamente sobre ambivalência afetiva que, resumidamente, trata este artigo, no contexto do vínculo conjugal. Para tanto, inicialmente, a definição proposta para ambivalência pode ser resumida como a “presença simultânea, na relação com o objeto, de tendências, de atitudes e de sentimentos opostos, por excelência o amor e o ódio” (LAPLANCHE, PONTALIS, 1986). Reforçando essa definição, Raffaelli (RAFFAELLI, 1994), reafirma que a ambivalência é “a posse de sentimentos antagônicos sobre um mesmo objeto, o que implica que a cada pulsão corresponde o seu contrário passivo”

A ambivalência é um fenômeno com característica singular da vida psicoemocional. “Não sabemos nada da origem dessa ambivalência. Uma das pressuposições possíveis é que ela seja um fenômeno fundamental de nossa vida emocional” (FREUD, 1912/1913). Se as afirmações de Freud estiverem corretas, então isso significaria que as formas possíveis de exteriorizar essa ambivalência residiria nas manifestações da complexidade de sentimentos ou flutuações de atitudes que os sujeitos poderiam exercer diante do mesmo objeto. Ainda que pareça dualística, o ódio e o amor são forças antagônicas que regulam a autoconservação e as origens das pulsões sexuais (LAPLANCHE,

PONTALIS, 1986).

Portanto, o que estaria por trás dessa ambivalência são as pulsões. A pulsão (trieb) pode tanto assumir a forma de um “instinto” (instinkt) quanto de um “querer”, enquanto base não-volitiva e categórica. Em seus Artigos sobre Metapsicologia, em Pulsões e suas vicissitudes (FREUD, 1915), ele define pulsão como um conceito situado na fronteira entre o psíquico e o somático, ou ainda o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente.

Tendo o corpo como sua fonte, pois é nele que se originam os estímulos, alcança a mente exigindo que esta trabalhe na satisfação do desejo, mas não há uma maneira única de satisfazer o desejo, pois não existe um caminho natural para a sexualidade humana.

Para Freud era importante distinguir a pulsão (trieb) do instinto (instinkt), pois a pulsão não implica em comportamento pré-formado, nem objeto específico. Em Escritos, Lacan diz que: A pulsão, tal como é construída por Freud a partir da experiência do inconsciente, proíbe ao pensamento psicologizante esse recurso ao instinto com ele mascara sua ignorância, através de uma suposição de uma moral na natureza. (LACAN, 1998, pág.865).

Em Pulsões e suas Vicissitudes (1915) Freud localiza a pulsão como tendo um objeto, algo que só tem sentido enquanto relacionado à pulsão e ao inconsciente. Para Melanie Klein (KLEIN, 1952/2006 p. 87) a pulsão é de início, ambivalente, pois, o amor do objeto não se separa de sua destruição. A ambivalência torna-se uma qualidade do próprio objeto, contra a qual o sujeito luta, clivando-o em objeto bom e mau: um objeto ambivalente, ao mesmo tempo idealmente benéfico e essencialmente destruidor, não se poderia tolerar.

Segundo Raffaelli (1994, p. 21) “o amor intenso é sempre acompanhado por uma não menos intensa tendência à agressão e que, quanto mais ama o seu objeto, mais vulnerável se torna à sua privação”. Então, para a psicanálise, não há relacionamentos humanos sem conflitos, pois estes estão atrelados ao conteúdo pulsional de natureza sexual e ambivalente. Além disso, o conflito se instaura na falta do sujeito, que se expressa na constante insatisfação no objeto.

A ambivalência também pode ser interpretada como remontagem da fase oral. Segundo o psicanalista Charles Brenner (BRENNER, 1987) a relação de

fantasias e desejos destrutivos com o objeto tem origem no início dos primeiros anos do bebê. Para marcar para além dessa ideia, Melanie Klein (1952) diz que a ambivalência existe desde os primeiros momentos da vida em que há uma clivagem pela via amorosa, ou seja, no bebê há simultaneidade de pulsões de tal maneira que alcançaria a separação entre o objeto e o sujeito dividindo-os em seio bom e seio mau. Para a autora, é a relação dos “estados de amor e ódio” sempre juntos que estariam como pano de fundo das pulsões. A fantasia da criança de devorar o seio materno é o antecessor tanto do amor quanto do ódio, o que poderia perdurar pela vida toda, em maior ou menor grau. (KLEIN, 1953, p. 73)

Sendo assim, a ambivalência poderia ter origem na fase oral e se caracterizaria pela variação de amor e ódio pelo objeto desejante da fantasia. Uma vez que o seio materno é fonte de prazer e o primeiro objeto de desejo; então, poderia se tornar objeto parcial arcaico da fantasia do EU alucinado pelo bebê. A constante sucção e mordidas no bico do seio da mãe indicariam uma das manifestações do amor, mas também ódio por querer devorar o mesmo seio. Essa ambivalência da vontade é antecessora tanto do amor quanto do ódio. É muito comum que os seios das mães sejam fissurados, doloridos e até ardidados durante a amamentação, não só pelo enchimento excessivo dos seios pelo leite materno, mas também, pela vontade destrutiva pela via odiosa inconsciente do bebê. (KLEIN, 1953)

Então, a origem da ambivalência, de acordo com a teorização kleiniana dos modelos relacionais, encontra-se na “constatação de que na criança o amor intenso é sempre acompanhado por uma não menos intensa tendência à agressão e que, quanto mais ama o seu objeto, mais vulnerável se torna à sua privação” (RAFFAELLI, 1994, p. 21). Durante aproximadamente os primeiros dezoito meses da criança há progressivo aumento nos níveis de ambivalência com a presença de algum grau de destruição do objeto de satisfação. Por exemplo, na fase oral predomina apenas a sucção e o objeto é pré-objetal com relação precária de ambivalência. Já na fase oral-sádica quando começa a nascer os primeiros dentes há um sentimento de gratidão junto a predominância de mordeduras no seio materno, justamente período em que a criança morde o objeto de satisfação marcando sua ambivalência. Essa relação com o seio

materno poderá marcar pela toda vida seu psiquismo, já que quanto mais o sujeito for dependente do objeto de desejo, mais frágil será sua relação quando da sua ausência.

Essa persistência da ambivalência trabalha em dois registros. No primeiro registro encontra-se na consciência que se manifesta nos sentimentos frente ao objeto de desejo. Já no segundo registro encontra-se sempre no inconsciente com efeitos deletérios subjetivos e duradouros. Segundo Brenner (1987, p. 115) acrescenta que “embora tenha efeitos poderosos sobre a vida mental do indivíduo, essa ambivalência persistente associa-se, amiúde, a graves conflitos e sintomas neuróticos...”. Logo, isso poderia conduzir o ser humano a constantes conflitos, por não ter plenitude de satisfação. Ele estaria sempre em busca de gratificações, completudes e satisfações nos objetos que elege como objetos do amor, mas nunca em sua realização plena. A necessidade humana de estar em contexto vincular para sua constituição enquanto sujeito é uma busca para toda, uma vez que os seres humanos são seres dos afetos. A cada nova vinculação traz em si a possibilidade de inscrever e registrar novas marcas de constituir sua subjetividade. (BERENSTEIN, 1998).

Mas nos primórdios da psicanálise Freud (1974, p. 82) já alertava que a origem do conflito psíquico no inconsciente não é apenas da ordem da falta do sujeito, mas o ser humano é tomado por ambivalência em relação ao outro. Em sua obra Totem e Tabu, ele admitiu que “em quase todos os casos em que existe uma intensa ligação emocional com uma pessoa em particular, descobrimos que por trás do terno amor há uma hostilidade oculta no inconsciente”. Conclui: “Esse é o exemplo clássico, o protótipo da ambivalência das ações humanas” (1974, p. 82). Isso significaria que em contexto conjugal aparentemente amoroso no qual deveria ser menos encontradas atitudes de confrontos, aí residiria com toda a sua força destruidora de afetos em relação ao objeto.

A conjugalidade é supostamente vista como um lugar de significado e gratificação para acolher o sujeito do desamparo. Essa maneira de lidar com a falta e o sofrimento psíquico pode ser entendido como sintoma de uma relação conjugal. Ao refletir sobre a satisfação que busca o amor na relação da conjugalidade, Freud (1974) reafirma o mesmo pensamento dualista do

inconsciente que existe na ambivalência: “Sabemos que o amor incipiente com frequência é percebido como o próprio ódio, e que o amor, se se lhe nega satisfação, pode, com facilidade, ser parcialmente convertido em ódio” (FREUD, 1974 p. 239). Portanto, toda a relação com o objeto de amor é amalgamada inconscientemente por conflitos psíquicos internos os quais podem determinar o comportamento e a escolha objetual na conjugalidade. Esta escolha se fundamenta por determinações psíquicas projetivas e idealizadas.

Corroborando com essa ideia Levisky (2021, pp. 265-268) afirma que ao falar sobre o trabalho psíquico do inconsciente com relação aos conflitos na conjugalidade que acabam em divórcios e separações, há a prevalência de duas posturas ambivalentes. A primeira tem a ver com o narcisismo existente na estrutura psíquica de cada um de nós. O fenômeno da idealização promovida pelo Eu atribui virtudes ao Outro das quais são ausentes. Isso acontece porque o Eu produzirá e expectativas de benefício de si próprio, mas que na verdade estão ausentes no Outro. A segunda postura ambivalente tem a ver com o recalque, ou seja, remover algo insuportável do consciente. A recusa de enxergar algo insuportável em nós mesmos acaba por projetar no parceiro os nossos próprios defeitos (LEVISKY, 2021, pp. 265-268).

Na listagem de formações sintomáticas citados pelo autor, os divórcios e as separações da conjugalidade encontram-se em meio a “síndrome do pânico”, “sintomas hipocondríacos”, “alterações de humores”, os “rituais obsessivo-compulsivos”, “o uso abusivo dos psicofármacos” e a “ausência do direito do rito do luto. Esse lugar sintomático é explicado pela escolha objetual do sujeito que enaltece seu objeto de satisfação, levando-o ao nível de ideal do ego.

Urge salientar que a idealização tem comparação à ilusão, pois os dois processos psíquicos inconscientes tendem realizar um desejo que não tem sustentabilidade às provocações da objetividade da vida real. Freud (1925/1980), em seu texto “Inibição, sintoma e ansiedade”, repercute sobre o desamparo e como este se relaciona ao trauma no nascimento e ao receio pela perda do objeto de amor do qual se torna dependente. Diante dessa premissa, a angústia se apresenta como sinal de ameaça ao ego para lidar com essa sensação de desamparo. A possibilidade da perda do objeto de amor é algo que se torna extensivo às outras relações que estabelecem no decorrer da vida.

Outros autores como Fortes (2009) ressaltaram que o desamparo é um sinal elementar dos tempos contemporâneos e está relacionado a dúvidas que o sujeito vive. No mundo contemporâneo as faltas se manifestam em patologias, atos psicossomáticos e sofrimento psíquico, dentre outros sinais. Para Neves (2013), a conjugalidade seria uma das formas que os sujeitos supõem ao encontrar uma projetiva vivência de unicidade e uma suposta defesa contra o desamparo do homem na modernidade.

Ainda vale ressaltar que essa escolha objetal, dentre elas a conjugalidade, sofre interferência da pulsão sexual à incipiente relação desejosa-afetuosa-fantasiada. Esse fenômeno intrapsíquico ocorre também nos conflitos na conjugalidade. Elas podem ser simultaneamente tanto de origem inconsciente da vida infantil como também fruto de desejos insatisfeitos da vida adulta consciente (BRENNER, p. 213). Por fim, para concluirmos este tópico, a exemplo do contexto pandêmico podemos evocar o “terror da morte” (BIRMAN, 2021, p. 135) que pode ser o gatilho para desencadear a dinâmica e o fenômeno da ascensão do conflito conjugal.

3. A MEDIDA DA AMBIVALENCIA NA CONJUGALIDADE EM CONTEXTO DE PANDEMIA DO COVID 19 NO OLHAR DA PSICANÁLISE.

O amor é supostamente uma união de sujeitos que, para coexistirem, deverão se desapegar de modelos adquiridos na sua família de origem, para assim permitirem a criação de uma estrutura familiar inédita. A conjugalidade é um romance familiar em que há fusão das psiques que se constituem um vínculo amoroso cujo casamento é a confirmação e sacramentalização dessa união romântica. Entretanto, na psicanálise a conjugalidade não é vista desta forma, pelo contrário, são os conflitos e os desentendimentos que criam vínculos pela diferença entre os sujeitos que se projetam um no outro. Amar ao outro implica necessariamente amar a si mesmo.

Em Freud, a base de toda conjugalidade pela via conflituosa está na sexualidade humana e suas fantasias, portanto, de natureza sexual. Em seu artigo “Moral sexual civilizada e a doença nervosa moderna”, ele escreve que “a

satisfação sexual é a melhor proteção contra a ameaça que as disposições inatas anormais ou os distúrbios do desenvolvimento constituem para uma vida sexual normal” (FREUD, 1908). Há um conflito de interesses insuflado tanto pelo vínculo amoroso como também pelo ódio. Esse “divórcio de interesses” habitam as imposições da moralidade na vida sexual do sujeito na busca de relações duradouras na conjugalidade. (RAFFAELLI, 1994, p. 30).

Tais imposições, por seu turno, reprime a dimensão sexual pela via da cultural. Essa castração desmedida poderia gerar sintomas neuróticos como, por exemplo, violentas projeções delirantes sob o parceiro, por exemplo, ambos estariam ameaçados e reativos aos seus próprios medos. Desta maneira, a relação de conjugalidade estaria minada culminando em rupturas e ou separações irreparáveis. Mas quais seriam as causas dessas violentas projeções delirantes? A plausibilidade residiria “nas vicissitudes da escolha objetal infantil” (FREUD, apud RAFFAELLI, 1994), isso significa que impreterivelmente interferira diretamente na vida sentimental e emocional dos sujeitos. As escolhas objetais infantis seriam da ordem da impossibilidade de realização gerando insatisfação pulsional singular objetal. Então, as pulsões de percurso inadequado sublimariam em sentimentos de agressão, raiva, insatisfação e sentimentos que não suportariam as representações do desejo de permanecerem juntos por muito tempo. Eis aí a ambivalência na conjugalidade! Por outro lado, o manejo clínico para conflitos na sexualidade não é a suspensão ou abstinência sexual e nem dar-se em casamento. Eles não suportarão a satisfação por muito tempo, pois os conflitos ameaçam intermitentemente o objeto eleito da escolha amorosa, mais além, o sujeito de interminável conflito consigo mesmo em seu inconsciente projetará suas agressividades no outro. A raiz do conflito é a insatisfação inconsciente e pulsante. Portanto, o sujeito em conflito pode ter duas posições assimetricamente opostas: por um lado, fuga do objeto de satisfação que causa conflito; por outro, enfrentamento em direção ao objeto de sua insatisfação amorosa retroalimentando as demandas de amor.

Com a clareza do texto Totem e Tabu é possível demonstrar que as insatisfações regem a vida familiar. Freud (FREUD, 1912,1913) defendeu que as insatisfações sexuais e emocionais femininas na conjugalidade estão por trás

de uma “ambivalência emocional”. Elas são inconscientes, mas que regem o comportamento tendo como causa, também, uma vida social familiar sem satisfação. Ele afirma que: “uma mulher, cujas necessidades psicosexuais deveriam encontrar satisfação no casamento e na vida em família, é muitas vezes ameaçada pelo perigo de ficar insatisfeita porque sua relação matrimonial chegou a um fim prematuro e por causa da monotonia de sua vida emocional” (FREUD, 1912,1913).

E ainda, no “O mal-estar na civilização”, Freud afirma que o amor genital libidinal é base da formação da família, mas a causa também é de dependência objetual e de sofrimento. Elas poderiam vir pela via da rejeição, infidelidade e morte do objeto de afeto. As pessoas compreendem erradamente o conceito “amor” em relação ao amor genital objetual, pois elas restringem o amor às necessidades genitais, e “dão o nome de ‘amor’ ao relacionamento entre um homem e uma mulher, cujas necessidades genitais os levaram a fundar uma família” (FREUD, 1929-1930).

Na conjugalidade, a escolha objetual e a dependência expõem o sujeito à dor, pois “uma escolha objetual demonstra de maneira inequívoca que o amor leva o indivíduo a uma ameaçadora dependência em relação ao objeto amado, expondo-o à angústia e à dor por ocasião de seu abandono” (RAFFAELLI, 1994, p. 43). Então, no binômio ambivalência/conjugalidade o conflito é inevitável: primeiro, em razão da individuação inconsciente; segundo, porque, na junção de satisfação de dois sujeitos amantes, ambos idealizam objetos mútuos de afetos e satisfações. Haveria um desamparo nos espaços pessoais, nos quais são agredidas tanto a individualidade como a identidade pessoal. Por fim, na projeção das necessidades emocionais próprias há carências afetivas infantis (RAFFAELLI, 1994).

Sobre essa projeção de necessidades psicoemocionais infantis insatisfeitas, Raffaelli (1994) ainda esclarece que:

Para um casal onde um dos membros foi muito carente, esse problema do espaço é difícil de ser manejado, porque é aquele marido que tem uma necessidade emocional insatisfeita, e então projeta toda uma necessidade da mãe

naquela mulher, e daí ele é possessivo e quer ela o tempo todo, e é difícil ele entender a linguagem do espaço individual, porque o espaço pessoal dele é quase a mesma coisa que o espaço comum do casamento. (RAFFAELLI, 1994).

Ao referir a escolha objetal anaclítica, característica hegemonicamente identificada no masculino, o casal investe mais intensamente no objeto. Freud (1914/1976) concluiu que o sujeito precisa renunciar a uma parte do próprio narcisismo ao se lançar à procura do amor e da sexualidade como fundamentais na sua própria constituição.

O amor verdadeiro é um amor que não é real, ou seja, a complementaridade no outro é uma ilusão e encontra um impossível estrutural, pois o sujeito se relaciona sempre com um objeto e não com outro sujeito e, portanto, não haveria relação sexual.

A busca de querer ser igual ao objeto de desejo que falta nos remete ao impossível da complementaridade no outro. Segue em consequência uma condução no sentido de inadequação na conjugalidade, pois as múltiplas manifestações do amor colocam sempre em relação duas realidades distintas que, necessariamente, não se relacionam.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na sua Cartografia Sintomática, Birman (2021) escreve sobre vivências psíquicas do sujeito em meio à pandemia causada pela COVID-19, pontuando que este quadro pandêmico é acompanhado por vários efeitos/sintomas psicossociais, entre os quais uma “conjugalidade agressiva”, esta abrangendo aspectos simbólicos da violência, incluindo a dimensão física. Entre esse quadro psicoemocional, o sujeito na conjugalidade já vive o drama do desejo insatisfeito que gerava conflitos nas micro relações cotidianas. Herdeiro de uma inata ambivalência, tendo diante de si uma ameaça externa à unidade na conjugalidade, o sujeito se conduz em relações abusivas, agressões, divórcio e, por vezes, feminicídio.

Dentro da perspectiva psicanalítica de uma ambivalência inata, da escolha objetual pulsional para a conjugalidade supostamente duradora, a qual será norteadada por idealizações projetivas, singularidades e alteridades do sujeito já se desenha um cenário não muito promisso para o casamento ou monogamia. Para agravar ainda mais esse quadro o contexto provisório de isolamento social na pandemia do COVID-19 reforça as faltas e as idealizações projetivas do sujeito uma vez que foram obrigados a conviverem mais próximos.

Mesmo assim, no vínculo amoroso, ainda há possibilidade da continuidade da conjugalidade se os dois decidirem um em favor do outro (CALLIGARIS, 2010). Tudo vai depender de como serão conduzidos a sexualidade e o afeto. Afinal, o amor é um produto de um longo e, muitas vezes, difícil esforço e de boa vontade, pois lutarão contra as adversidades de seu próprio destino.

REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, K. Notas sobre as investigações e o tratamento psicanalítico da Psicose Maníaco-depressivo e estado afim (1911), In: Teoria Psicanalítica de Libido. Imago, 1970.
- BERENSTEIN, I. (1998). Conferência: Mundo interno y mundo vincular. Hermanas Hospitalarias de Saint Bois. Barcelona. Disponível em: <<http://www.revistacontemporanea.org.br/site/wp-content/artigos/artigo58.pdf>> Acesso em: 20.09.2021.
- BIRMAN, Joel. O trauma da pandemia do coronavirus: suas implicações políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- BRENNER, Charles. Noções básicas da psicanálise: introdução à psicologia psicanalítica. 5 ed. São Paulo: Imago, 1987.
- CALLIGARIS, Contardo (Org.). O laço conjugal. 3 ed. Rio Grande do Sul: Artes e Ofícios, 2010.
- FÉRES-CANEIRO, Terezinha. Conjugalidade. In: LEVISKY, Ruth Blay. et al. Dicionário de psicanálise de casal e família. São Paulo: Blucher, 2021, pp. 97-101.
- FORTES, I. (2009). A psicanálise face ao hedonismo. Mal-estar e subjetividade, (4), 1123-1144.

FREUD, S. A Interpretação de Sonhos (1900). Obras Completas volume 4. Tradução Paulo César de Souza. 1ª. edição. São Paulo: Companhia das letras, 2019. p. 433.

FREUD, S. (1905), Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade vol. VII. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1976.

FREUD, S. (1911-1913). Observações Psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (O Caso Schreber) Artigos sobre Técnica e outros textos. Obras Completas volume 10. Tradução Paulo César de Souza. 1ª Edição. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

FREUD, S. (1915). As pulsões e suas vicissitudes. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIV.

FREUD, S. (1920-1922). Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos Direção geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 12-85. (Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, 18).

FREUD, S. (1969). A dinâmica da transferência. In: S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Jaime Salomão, trad., vol. XII, pp. 130-143). Rio de Janeiro: Imago, (Trabalho original publicado em 1912).

FREUD, S. (1972). Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. 2 ed. In: S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Jaime Salomão, trad., vol. VI, pp. 11-240). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1901).

FREUD, S. (1974). O futuro de uma ilusão. In: S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Jaime Salomão, trad., vol. XXI, p. 11-71). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1927).

FREUD, S. (1974). Artigos sobre metapsicologia. In: S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Jaime Salomão, trad., vol. XIV, p. 123-232). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1915).

FREUD, S. (1974). O Mal-estar na civilização. In: S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Jaime Salomão, trad., vol. XXI, p. 73-177). Rio de Janeiro: Imago, (Trabalho original publicado em 1929-1930).

FREUD, S. (1974). Notas sobre um caso de neurose obsessiva. In: S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Jaime Salomão, trad., vol. X, p. 157-238). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1909).

FREUD, S. (1974). Totem e Tabu. In: S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Jaime Salomão, trad., vol. XIII, p. 20-191). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1912-1913).

FREUD, S. (1976). Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna. In: S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Jaime Salomão, trad., vol. IX, p. 183-208). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1908).

KLEIN, M. As origens da transferência (1952), in: Inveja e gratidão e outros trabalhos. Imago, 2006.

LACAN, J. Momento de Concluir 1977-78. in mimeo.

LACAN, Jacques Marie-Emilie. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. Vocabulário da psicanálise. 9 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

LEVI, Lidia. Idealização. In: LEVISKY, Ruth Blay. et al. Dicionário de psicanálise de casal e família. São Paulo: Blucher, 2021, pp. 265-268.

MENDONÇA, Nandir Domingues. O uso dos conceitos: uma questão de interdisciplinaridade. 4 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

NEVES, Anamaria Silva; DIAS, Andrezza Sisoneto Ferreira; PARAVIDINI, João Luiz Leitão. A psicodinâmica conjugal e a contemporaneidade. Psicologia Clínica, v. 25, p. 73-87, 2013.

PEREL, Esther. Sexo no cativeiro: como manter a paixão nos relacionamentos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

PLATÃO. O banquete do amor. Trad. Intr. e notas de J. Cavalcante de Souza. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2001.

RAFFAELLI, Rafael. Psicanálise e casamento. Santa Catarina: DAUFSC, 1994.